

O Marinheiro Vermelho

Órgão das células do Partido Comunista
Português (s. p. i. c.) na Marinha de Guerra - C. R. A.

Os perigos da guerra anti-soviética crescem..

Depois do plebiscito do Sarre os perigos duma nova guerra cresceram extraordinariamente. Hitler afirmou, logo a seguir, que as reivindicações territoriais do III Reich, em relação à França, estavam satisfeitas e que nada se opunha a um entendimento. Para o Ocidente tem tudo «resolvido». Vira-se, agora, mais desembaraçado, para o Oriente lançando as garras para a Ucrânia Soviética.

Por outro lado, a vitória da Alemanha, encorajou o Japão, que recomeçou a sua política de rapina e saque da China. Conquistada a Mongólia Interior e a Republica Popular da Mongólia Exterior (soviética). A Inglaterra aplaude e auxilia esta política, dirigida contra os Sovietes Chineses e principalmente contra a U. R. S. S.

A China Soviética abarca uma região extensíssima, com 1.348.000 km quadrados (tanto como Portugal, Espanha, França, Bélgica e Suíça juntos) e uma população de 80 milhões de habitantes. Com um exército bem apetrechado de cerca de 1 milhão de homens, os soviéticos conquistam novos territórios e põem em risco a soberania dos imperialistas e a dos generais a seu soldo, em especial Chang-Kai-Chek. Por isso, coligados, o Japão, a Inglaterra a França e os Estados Unidos já empreenderam 6 campanhas contra os comunistas chineses.

Os planos imperialistas são, agora, mais vastos e a guerra contra a U. R. S. S. está na ordem do dia.

Salazar acaba de votar novas verbas para o prosseguimento do programa naval e aquisição de material de guerra em larga escala. Com o pretexto de «defeza dum pedaço da pátria» — Macau — enviar-nos-ão a combater os nossos camaradas chineses e russos.

A guerra só interessa aos ricos. Depois da «defeza da pátria» na última guerra viemos estoirar de fome junto das riquezas que amontoaram á nossa custa.

As novas unidades não nos trazem nenhuns benefícios. Pelo contrário, é á custa do cerceamento das nossas regalias que vão admitir mais marinheiros; haja em vista o quo se passa em V. Franca.

Lutemos pelo aumento do ordenado e pela melhoria da alimentação! Lutemos contra a guerra imperialista e anti-soviética!

Contra o Fascismo que prepara a guerra!

É arripante a leitu a dos jornais diários no que diz respeito á forma como todos os países se armam e preparam para a nova guerra. A nós, a eterna carne de canhão, deve sobremaneira interessar mais do que a ninguém tal assunto, porque não são decerto os senhores governantes quem com tal monstruosidade padecerão. A nós, os futuros mutilados, está-nos reservado o futuro mais negro visto que, como galardão, nos será dado percorrer as ruas, em muletas ou com uma bengala branca e um dístico ao peito implorando a caridade pública. Porque as pensões, essas serão, como dizia André Brun, só para os «palmípedes» (oficiais do Estado Maior) e restante familia. Camaradas! Sendo assim, o que não há dúvidas possíveis, frente á estropiada falange combatente de 1914-18, um só caminho se nos depara: cada um de nós deve ser um apaixonado militante contra a guerra, onde quer que nos encontremos, denunciando á grande massa todas as manobras bélicas dos governantes fascistas e social-fascistas. Façamos o possível para obstar a que os seus funestos designios se cumpram, e quando de todo em todo a conflagração se não possa evitar por tais meios, fazer o possível ao nosso alcance para a transformar na emancipadora revolução socialista, único caminho que, com os seus fundamentos abolicionistas da exploração do homem pelo homem, acabará de vez com tais pesadelos.

Camaradas! Fortemente unidos, lembremos a êsses traficantes de carne humana que não estamos dispostos a ser imolados em holocausto ao grande capital.

Camaradas! Acabará por si a exploração do homem pelo homem, acabará por si a exploração de uma nação por outra nação e, conseqüentemente, todos os conflitos e egoísmos.

Avante pela luta contra a guerra e o fascismo!
O exemplo dos camaradas da União Soviética dar-nos-á calor e forças para a luta final que se avizinha!

Mas, só nos é possível triunfar se lutarmos, desde já, contra a peste negra do fascismo, que prepara a guerra.

Em cada barco, um Comité de Luta!

Organisemos o nosso trabalho

Expostemos no número anterior, a maneira prática de organizar as células a fim de melhor ludir a vigilância oficial. Expomos agora o papel que cada camarada deve desempenhar, dentro da mesma organização, para conseguir maiores resultados, com o menor risco individual.

Compete ao secretariado de célula—colectivamente—estudar as condições em que deve ser feita a propaganda, dentro da unidade correspondente, dirigir e orientar todo o trabalho que tiver de ser feito.

Quando da afixação de manifestos, selos, jornais... enfim, tudo que sirva para desmascarar esta cambada que nos governa, explora e oprime, compete ao secretariado estudar as condições em que deve ser feita, escolhendo, local, hora, etc.

Esta propaganda deve ser estudada e dirigida no sentido de que uma maioria da guarnição da unidade tenha conhecimento. A afixação do nosso material de propaganda em sítio bem visível, variando o mais possível de local, para despistar a espionagem, predispõe a massa para maiores cometimentos, elevando-lhes o nível revolucionário.

O secretariado de célula, deve fazer com que não sejam sempre os mesmos camaradas a desenvolverem esta propaganda, distribuindo por grupos ou individualmente, os trabalhos que haja a realizar, depois de devidamente estudadas as circunstâncias em que se háo-de realizar.

Compete ao secretariado de célula—individualmente—a distribuição do nosso material pelos componentes dos seus grupos, proceder à cobrança do produto da venda do mesmo e, fazer também, a cobrança mensal da cotização. Prestarão depois contas em reunião do secretariado, encarregando-se o secretário de fazer chegar ao seu destino, as respectivas importâncias.

O secretário deve fazer-se substituir, em qualquer reunião, quando estiver impossibilitado de comparecer.

Compete a cada componente da célula, criar um núcleo de simpatizantes, entre a guarnição a que pertencer, fazendo chegar ao seu conhecimento a nossa literatura e popularizar as nossas palavras de ordem estimulando-os na luta em prol das suas reivindicações.

O «Marinheiro Vermelho» é feito com o dinheiro dos marinheiros anti-fascistas e, em especial, com o esforço dos marinheiros comunistas.

Serve para lutar-mos contra os nossos exploradores. Por isso é dever de todos ajudá-lo, pagando o seu custo no acto da compra e escrevendo pequenos artigos sobre a nossa vida.

Menos palavras e mais rendimento

Alguns camaradas há que, olhando a organização como coisa inútil, dizem que a hora de palavras passou e que só à pancadaria seremos capazes de levar a bom termo as nossas reivindicações.

Se fôrmos a vêr quem assim fala veremos que, dêles, jámais recebemos qualquer artigo para ser publicado ou, quando se lhes fala em dar a sua parte em «contado» para a Revolução, mostram uma cara de «palmo e meio», sendo preciso, a maioria das vezes, uma «stralheira dobrada para lhes sacar da carteira os três tostões do jornal.

Creemos que para fazer qualquer coisa limpa não temos menos vontade do que êles e, se ainda o não fizemos, é porque nos sobram as suas más vontades em ajudar a organizar com a sua palavra e moeda, o exército de combatentes para fazer, com segurança e disciplina revolucionária, aquilo de que tanto falam.

Camaradas! E' bem explícita a frase: «Sem teoria revolucionária, não pode haver revolução».

E para isto, cremos ser necessário mais alguma coisa do que o trabalho tão fácil de língua.

(O Secretariado da O.R.A.)

CONTRA A PROVOCAÇÃO NAS NOSSAS FILEIRAS!

Camaradas!

Ao serviço da Policia de Informações, há, infelizmente, dentro da Corporação da Armada, alguém que de tudo lança mão para criar obstáculos à massa revolucionária comunista que tão grande incremento toma dentro dela, devido à forma heroica de actuar dos militantes da Organização Revolucionária da Armada e o seu chefe, o Partido Comunista.

Êsses desgraçados já se vêm impossibilitados de lutar, peito a peito, e tentam criar por meio das mais infames calúnias, a desunião e desconfiança dentro das nossas fileiras, alcunhando de esbirros policiaes os nossos melhores camaradas.

E' preciso, portanto, que nenhum de vós recue ante a denúncia de tais celerados para que nas colunas do nosso jornal se informe a grande massa colocando-a de atalaia contra possíveis provocações em que tais cavalheiros são mestres.

Nada de afrouxamento na luta.

Em todo o mundo o capitalismo agoniza e, portanto, as tuas negligências, camarada, serão um crime na hora histórica de luta entre os oprimidos e opressores!

Os marinheiros comunistas não d nunciam por prazer ou por officio; apenas é dever no, so desmascarar canalhas, coraçaando, assim, a massa revolucionária para que possa lutar dentro da legalidade asfixiante da Ditadura.

O Secretariado da O.R.A.

Exploração, banditismo e canalhice oficial

A par da repressão violenta de que vimos sendo alvo, por parte da oficialidade, às ordens da canalha que nos governa actualmente, é sem dúvida a Escola de Mecânicos, em Vila Franca, a que mais vem sofrendo com esta repressão, não só pelos oficiais que á frente dessa Escola se encontram, como também por se encontrar em condições especiais fora de Lisboa.

Felizmente as praças, desta unidade, já deram conta da repressão de que vêm sendo alvo, iniciando a luta em prol de algumas das suas reivindicações especiais.

Passo a contar dois casos que se estão passando e que nos chegaram ao conhecimento:

Ao ser instalada a Escola, em Vila Franca, o ministro da Marinha, o mais fiel defensor de Salazar, alegando falta de verba, impôs que toda a praça que vier a Lisboa, tenha que pagar á sua custa as passagens.

Ora isto não é mais nem menos que um roubo, ao nosso já magro ordenado, pois que o Estado é obrigado, por lei, a promover o transporte das guarnições. Se atendermos ainda, que a grande maioria da guarnição tem a sua família constituída em Lisboa e que cada passagem, em 3.^a custa 3720 — ida e volta 6740 — faz-se ideia da enormidade do roubo cometido a cada praça.

Em complemento desta medida do Ministro, foi ordenado pelo comando desta Escola, que, qualquer praça que vier de licença a Lisboa, é obrigada a apresentar-se às 8 horas da manhã, tendo que estar por conseguinte, na estação do Rocio às 6 e 45 minutos para tomar o comboio. Acrescentando que os serviços nesta Escola só dão volta pelas 17 horas e o comboio que lhes é possível tomar só parte ás 19 e minutos, avalia-se o tempo de que cada praça dispõe para gozar a licença e da vilêza que encerra esta ordem, que denota já por si, o caracter destes pulhas que se encontram á frente do comando desta Escola.

Este estado de coisas vinha prolongando-se há já um certo tempo, até que, no dia 2 de Novembro as praças, como protesto, resolveram não vir de licença, enquanto não lhes fôsem concedidas passagens, á custa do Estado, e os serviços e aulas, terminassem ás 3 e trinta minutos como nas outras escolas e unidades da Marinha.

Assim que desta deram conta, «foi um dia de juizo» dentro da Escola. Mandaram fechar escotérias com relação que as praças se armassem; deram ordens rigorosas ao pessoal de serviço, etc.

No dia seguinte, foram chamados á presença do primeiro e segundo comandante, os cabos.

Começaram por lhes fazer promessa, dizendo que já tinham feito uma exposição ao ministro e que estavam á espera «por um destes dias» que viesse á Ordem para satisfazer as suas reclamações. Que tinham também notado que o horário dos serviços e aulas, não estava bem e

que o iam modificar, mas, acabaram por os ameaçar, se não terminassem com o protesto.

Infelizmente na classe dos cabos desta Escola, não predomina a valentia e coragem nas atitudes tomadas, pois só por ouvirem umas infantis ameaças, deram o número para a licença, «futando» assim o protesto.

Em virtude da ameaça de alguns cabos, foi resolvido que se interrompesse o protesto, durante um certo tempo, até vêr em que ficam os promettimentos; e que alguns cabos reconheçam o erro em que caíram, verificando que os promettimentos não passaram de palavras vãs e que só tiveram por fim ganhar tempo.

Como complemento destas breves notas, transcrevemos alguns castigos, duma série d'elles, applicados nesta Escola que, pela sua natureza togem um pouco aos habitualmente publicados nas ordens das outras unidades:

Foi castigado, com 4 dias de prisão disciplinar e, por conseguinte, será pôsto na «rua» um cabo aluno porque, quando ia de licença, e já fora de qualquer formatura, desabotoou um botão do casaco.

Foi igualmente castigado, com 2 dias de prisão disciplinar agravada, um grumete, por ter baixado ao hospital «com a fita da escola».

Extranhamos, pois não sabemos com que fita queriam estes pulhas que o rapaz bixasse, estando em serviço nesta escola.

Como reclamasse do castigo, foi-lhe respondido pelo 2.^o comandante: — Quixa-te ao 1.^o comandante ou a quem quizeres, até ao presidente da República e depois vai para a «rua» dizer mal do 2.^o comandante.

Também foi castigado, com expulsão da cozinha, um grumete que desempenhava as funções de cosinheiro das praças, porque, apoz a distribuição da comida, deu um pouco de sópa que sobrara, a um pobre, para matar a fome e que se encontrava á porta das arm's.

Chamamos a atenção de todos os camaradas e, principalmente, dos que, pela sua especialidade, amanhã terão de frequentar esta Escola, pois o que se está passando não só interessa aos que hoje lá se encontram, como também aos que amanhã terão de a frequentar.

A «Organização Revolucionaria da Armada», solidária e com todos os camaradas da Escola, e protesta enérgicamente contra o que ali se está passando.

Camaradas!

Avante pelo fornecimento de passagens, pagas á custa do Estado, a todas as praças em serviço e frequentando cursos nesta Escola, para Lisboa e volta.

Avante pela apresentação na Escola ás 9 horas da manhã e pelo encerramento das aulas e serviços ás 3 e 30 da tarde, como nas outras escolas e unidades da Marinha.

GES
PCP

Contra o "reviralhismo", derrubemos a ditadura!

Há alguns camaradas que não compreendem porque atacamos o «reviralhismo» e os chefes «reviralhistas».

Dizem: Se sois todos contra a ditadura porque razão é que o Partido Comunista assesta a grande parte das suas actividades, tanto no combate ideológico e prático...

Antes de vos respondermos a estas perguntas, recorramos a uma figura que talvez se suponha compreensão do que se segue.

Suponhamos um campo, onde se apascenta gado.

Aí, nesse campo, existe uma árvore bastante débil, que oscila violentamente ao menor sopro do vento. Para que o gado a não destrua, colocam-se à sua volta fortes redes protegidas por arame farpado. Claro que não temos dúvidas que uma vez destruídas as sebes, basta um pequeníssimo esforço para atirar com a árvore abaixo.

O mesmo sucede no campo político em que navegamos. Os chefes reviralhistas, com a sua política de traição, de engano nas massas, as sebes que protegem a burguesia e o seu estado fascista, a árvore débil que derrubaremos, uma vez que consigamos destruir o seu principal obstáculo.

Todos os nossos esforços devem ser dirigidos num combate sistemático contra o reviralhismo e só na medida em que conseguirmos destruir a sua influência nas massas é que somos capazes de empreender uma luta séria contra a ditadura.

«Isto está bom», «isto é para antes das eleições», «isto é até ao fim do ano», «isto é até ao dia 15», etc, etc repetido, durante 9 anos, o que é senão enganar as massas para evitar que elas sigam as palavras de ordem do Partido e se organizem?

Não tenhamos ilusões camaradas. Entre nós e os chefes «reviralhistas» existe um abismo que devemos cavar cada vez mais.

Devemos procurar trazer até nós aqueles que verdadeira e sinceramente querem derrubar a ditadura e afasta-los da influência nefasta dos seus chefes e mostrar-lhes como são enganados.

Os banqueiros que apóiam Salazar fornecem dinheiro aos chefes «reviralhistas». Ao milionário Echevarrieta que emprestou meio milhão de pesetas não interessa que vivamos melhor.

Que pode provar, dum modo mais claro, a sua traição do que o negócio de armas?

Se as venderam aos socialistas espanhóis é porque desistiram do «revirvalho»...

Marinheiros rechaí o «revirvalho»!
Avante por um Partido Comunista forte, e por uma Marinha Revolucionária!

O nosso jornal saiu com um dia de atraso porque, como a Polícia proibiu que se venda tinta ao público tivemos que a fabricar...

“A Pátria honrai..”

Que razão assiste a quem decreta a baixa para todos os grumetes que acabando o seu tempo legal de alistamento, não estejam ainda especializados?

Há camaradas que devido aos cargos que têm desempenhado, não se têm podido instruir; outros que, estando a bordo, aonde há uma aula e se dão oito escudos mensais de gratificação a um sargento para que a reja, se passa um ano inteiro (como sucede no contra-tropedeiro Lima) sem que a mais pequena instrução, quer primária, quer profissional, se faça.

E, depois destas e doutras anomalias, é um homem obrigado a largar o arado ou a bigorna porque «é lei vir servir a Nação», para que passados 4 ou 8 anos, seja atirado à rua como tar-rapo inútil, lá porque ficou mal nas provas, (como se não tenha de haver sempre grumetes!) engrossando a vasta legião dos desempregados, e em piores condições, visto que durante o tempo a que foi obrigado a uma estéril e ociosa profissão, se desacostumou e esqueceu todas as suas qualidades de trabalhador.

Alerta, camaradas, porque isto deve ser uma manobra para a criação de inúmeras vagas para uma possível e futura Armada voluntária, em que, para o ingresso dos concorrentes, se estabelecerá, como condição indispensável, ser-se «vanguardista» ou filiado na União-Nacional.

Camaradas! Contra a baixa dêdes camaradas Pela colocação obrigatória, feita pelo Estado daqueles que forçadamente o vem servir, ou a desobrigatoriedade do serviço militar, principalmente na Armada!

Um Partido de aço abaterá o capitalismo!

«Para conseguir abater o capitalismo e o seu Estado, era preciso um instrumento adaptado a esta rude tentativa».

Era preciso um partido composto duma elite de homens, marxistas, duma vontade firme, decididos a tudo sacrificar. No momento em que Lenine concebeu a ideia de forjar um tal Partido de técnicos revolucionários, as organizações operárias estavam indisciplinadas, sem directrises nitidas e hesitantes sobre o caminho a seguir.

Conseguiu que esse Partido estivesse em contacto com as massas sem as quais não teria sido mais do que uma simples seita e exigiu de cada um dos seus membros uma dedicação e uma disciplina completas.

No meio de inúmeras dificuldades constituiu um Partido de aço que abateu o capitalismo.

(De M. Cachin da I.C. em l'Humanité)